

## **AS TRANS-FORMAÇÕES FAMILIARES**

### **Um amor e o que resta, ainda**

Coordenadores (EBP): Cristiano Pimenta – Eliane Dias<sup>1</sup>

No âmbito do XENAPOL, focamos a função e a potência do amor na abordagem do novo. Diante do declínio do Ideal e das exigências de gozo, tributárias do capitalismo pulsional contemporâneo<sup>2</sup>, há que se interrogar a vigência do amor nas configurações familiares atuais.

A multiplicidade e a diversidade com que proliferam novos modos de vivenciar o corpo e a sexualidade colocam em cena novas identidades, novas parcerias amorosas e novas configurações familiares, desafiando os psicanalistas a saberem abordar essas *trans-formações* e seus efeitos. No *Dicionário de Direito de família e sucessões*<sup>3</sup> encontramos 32 modalidades de família convivendo simultaneamente: família casamentaria, família formada por união estável, família concubinária, monoparental, homossexual, entre outras.

Apesar de toda a multiplicidade de arranjos e nomeações, as pessoas continuam se angustiando com as parcerias e demandando a constituição de famílias. E aqueles que procuram uma análise não deixam de falar de assuntos de família, cuja trama acreditam selar seus destinos.

#### **1. O que é a família para a psicanálise?**

Em Freud, a família é o cerne do social. Ela tem a função de inserção na cultura e de transmissão da lei simbólica que funda e sustenta a civilização e, exatamente por isso, ao mesmo tempo, serve de suporte para o desenvolvimento da constituição psíquica de cada novo humano que chega ao mundo.

A função da família está no ponto de partida do ensino de Lacan desde o texto *Complexos familiares*.<sup>4</sup> Na sua releitura da obra freudiana, Lacan prioriza a função da família como encarnação do lugar do Outro, “no qual a criança faz sua entrada, não sem a incidência de um trauma”.<sup>5</sup> Lugar em que se aprende a relação com a linguagem, onde o corpo é marcado pelo *troumatisme* do encontro com o significante; encarnação de um espaço de interdição alavancando a passagem da necessidade à gramática da demanda e aos circuitos do desejo.

No texto *Nota sobre a criança* (1969), a definição de família se desloca da função simbólica de ordenação para sua função de *transmissão*. Lacan afirma a permanência da família como um fato estrutural por sua função de transmissão – transmissão de um resíduo irreduzível que funda e sustenta a constituição de um sujeito, a saber, o real entre a pulsão e a palavra, que se impõe como mal-entendido entre os seres falantes.

---

<sup>1</sup> Integrantes: Angela Batista; Blanca Musachi; Carla Serles; Cristiane Grillo; Flavia Cêra; Gabriela Machado; Jacqueline Coelho; Julia Solano; Kátia Nadeau; Rafaela de Oliveira; Renally de Melo; Rogério de Barros; Tânia Martins.

<sup>2</sup> BLANCO, M. F. El capitalismo pulsional. *Colofón*, n. 29, 2009.

<sup>3</sup> CUNHA PEREIRA, R. *Dicionário de Direito de família e sucessões*. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 402.

<sup>4</sup> LACAN, J. Complexos familiares na formação do indivíduo [1938]. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 29-90.

<sup>5</sup> SANTIAGO, A. L. *Família, amor e sintoma*. Texto de orientação disponível do site do X ENAPOL.

A função de resíduo exercida (e, ao mesmo tempo, mantida) pela família conjugal na evolução das sociedades destaca a irredutibilidade de uma transmissão – que é de outra ordem que não a da vida segundo as necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo.<sup>6</sup>

No texto *O mal-entendido* (1980), já na vigência de seu último ensino, Lacan precisa um pouco mais a função de transmissão em jogo na família. O parlêtre é fruto e efeito de um mal-entendido que o antecede e o sobredetermina.

O *falasser* em questão, em geral, reparte-se em dois falantes. Dois falantes que não falam a mesma língua. (...) Dois que se conjuram para a reprodução, mas por um mal-entendido realizado, que o seu corpo veiculará com a chamada reprodução.<sup>7</sup>

A família se constitui, portanto, a partir de um encontro que é sempre da ordem do mal-entendido, para assegurar a transmissão de um resto irredutível e indizível – um segredo sobre o opaco e o sem sentido do gozo. Cada ser falante é resto, efeito, desse segredo familiar – *unheimlich*.

Se a partir do *Seminário 11*<sup>8</sup>, o segredo do gozo em jogo na família giraria em torno do objeto *a*, no último Lacan, este segredo diz respeito ao mal-entendido da parceria sinthomática, da parceria de gozo entre um homem e uma mulher. O pai, não mais como o portador de um dizer que nomeia e introduz a lei, mas “um homem”, que só pode transmitir sua *péerversión*: seu modo de se virar para fazer de uma mulher objeto de seu amor e de seu gozo. E do lado da mãe, o que segue contando é seu interesse particularizado, o mistério, não mais do desejo da mãe, mas da mãe como mulher: o enigma do feminino enquanto gozo. Outro, não-todo circunscrito pelo significante.

Um pai só tem direito ao respeito e ao amor, se o suposto respeito está per-versamente (pai-versamente) orientado, que dizer, se faz de uma mulher, objeto *a*, causa de desejo, se lhe há dado filhos e a estes, querendo ou não, lhes dá um cuidado paternal.<sup>9</sup>

A família é, então, uma resposta simbólica à relação sexual que não existe. O amor familiar reveste essa perda real, o furo da “não relação” que está posto para todo falasser.

## 2. Novos tempos. Família, ainda.

Segundo M-H. Brousse<sup>10</sup>, na ordem familiar tradicional o desejo da Mãe envolve o filho, mas visa um para-além dele. Esse ponto de insatisfação crônica instaura a diferença entre objeto causa de desejo e objeto desejado, constituindo um vazio que é um espaço chave, fundamental para o sujeito filho.

Mas, na pós-modernidade, na hipermodernidade, já não se trata da família conjugal do século XX. Daniel Roy<sup>11</sup> propõe a família contemporânea como dejetivo do Discurso do Mestre atual, cópula do discurso capitalista com o discurso da ciência e da tecnologia. A família atual

<sup>6</sup> Lacan, J. Nota sobre a criança [1969]. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 369.

<sup>7</sup> LACAN, J. O mal-entendido [1980]. *Opção Lacaniana*, n° 72, 2016, p. 11.

<sup>8</sup> LACAN, J. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*[1964]. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

<sup>9</sup> LACAN, J. *Seminário 22: RSI* [1974-75]. Aula de 21 de janeiro de 1975. Inédito.

<sup>10</sup> BROUSSE, M-H. *Lo feminino*. Buenos Aires: Tres Haches, 2020.

<sup>11</sup> ROY, D. Parents exaspérés – enfants terribles. Texte d’orientation, 6ª Journée de l’Institut Psychanalytique de l’Enfant, prononcé 13 de mars 2021. [tradução para o português para uso interno - EBP]

configuraria uma estrutura formada pela reunião de dois conjuntos: de um lado, o dos pais, dois seres falantes, e do outro, o da criança. A interseção é constituída pelo que eles têm em comum, ou seja, mal-entendido e algaravia sobre o gozo dos corpos.



Segundo Roy, essa estrutura seria suficiente para dar conta da incrível diversidade sociológica das famílias atuais e da grande variedade de tipos de pais e tipos de crianças que elas reúnem, como constatamos em nossas práticas.

Nessa nova ordem social, o significante “família” já não é dado de antemão. Com o declínio das referências significantes, a zona intermediária fica confusa e borrada, restando opaco o que circula como desejo e o que se deposita como gozo para cada um dos integrantes. Roy alerta que, se esse objeto não puder ser subjetivado como causa de desejo e resto de gozo na parceria dos pais, o risco é que a criança seja levada a encarná-lo, com seu corpo e com seu ser.

Como bricolagem que trata o gozo, a família não é mais um modelo que rege o laço social sob a normativa paterna. A transmissão do mal-entendido em que ela se funda, contemporaneamente, tende a cair numa ideia de disfunção, de crise a ser reparada. À disfuncionalidade da família pós-moderna, a medicina, as neurociências, a psicologia, a tecnologia, ofertam a possibilidade de “terceirizar” as funções pai/mãe, o que Daniel Roy nomeia por *coaching parental*, na forma de uma modelação cognitiva e comportamental.

Concomitantemente, como tentativa de normatizar e visando o bem para-todos, no campo do Direito vemos surgir uma nova “ficção jurídica” - a parentalidade -, termo que implica reunir indiferentemente, sob o mesmo significante, as funções materna e paterna, supondo que qualquer um que esteja nessa função é capaz de oferecer e executar os cuidados aos quais a criança tem direito.

Segundo Brousse, o termo *pais (parents)* resulta em um apagamento da diferença pai/mãe, instaurando um modo de laço onde o cuidado prevalece sobre a autoridade e o nome e o centro de gravidade da família desloca-se para a criança.<sup>12</sup>

No Discurso do Mestre contemporâneo, a tradicional ordem familiar dá lugar a uma reunião de UMs-sozinhos; enfraquece o pai, esvazia a mãe e torna a criança outro UM-sozinho, objeto-resto do *des-encontro* de dois seres falantes e, ao mesmo tempo, objeto social do mercado e da ciência.

Nesse cenário, as novas configurações familiares, não binárias, não cis, não hetero, não monogâmicas, ainda manteriam a função de transmissão que Lacan assinala como irreduzível e imprescindível à constituição do ser falante? Se o que funciona como regulador no seio da família, hoje, são as formas cada vez mais singulares do gozo, o que ocorre na esfera do amor?

### 3. O amor, entre a inércia do gozo e a novidade do desejo

<sup>12</sup> BROUSSE, M-H. Op. Cit., p. 205.

No Curso *El partenaire-síntoma*, Miller<sup>13</sup> destaca que, na clínica psicanalítica, o analista faz uma aposta de que, dentro do campo da não relação sexual, *algo* do encontro pode se escrever. No paradigma da não-relação e na lógica do não-todo, seguindo os caminhos do NP e do falo como puros semblantes, o amor seria via de abertura ao encontro, mas a partir de uma orientação ao real, que vá mais além do campo da fantasia, implicando, portanto, em um consentimento com o impossível e uma abertura à contingência que o feminino convoca, pela via do sinthoma. Na contingência, algo do encontro cessa de não se escrever e se escreve, no corpo.

Nesse ponto, algo pode mudar para o *parlêtre*. Todavia, não há garantias de que tal mudança leve a relações mais dignas. Ele pode perder-se na devastação do *a-mais*, como evidenciam os casos de famílias em que mulheres são violentadas, submetidas e silenciadas por seus parceiros e, ainda assim, não deixam de amá-los. Tal situação, evidentemente, não é sem danos para a criança. Mas há também os casos em que o *parlêtre* consente em inventar-se uma abertura para sair da clausura da repetição.

Portanto, é necessária a abertura à contingência e à radical diferença para que o amor prevaleça como disruptura e se torne mais digno da imponderável existência do falasser, sem ser fagocitado pela maquinaria da fantasia.

Chegamos à hipótese de que, na passagem do primeiro ao último Lacan, na passagem do amor como véu da castração a um amor vazio de significação, que abre para a não relação e o não-todo, que permite enganches e desenganches de UMs sozinhos, teríamos lugar para a continuidade da família em sua função de transmissão. Independentemente de quais sejam as configurações, um amor mais digno poderia dar sustentação a uma família mais digna.

Uma família mais digna, hoje, seria uma família mais permeável às soluções/invenções dos falasseres, inclusive do filho. Uma organização familiar, seja qual for sua configuração, que suporte melhor o impossível da não relação sexual e o indizível do gozo; onde um filho não tenha que vir a ocupar, necessariamente, a posição de sintoma que faz o laço do casal parental ou do objeto da fantasia materna.

Considerando, como nos propõe Miller<sup>14</sup>, que o fenômeno trans é paradigmático do laço proposto pelo discurso do Mestre atual, uma família que se organiza a partir da diversidade de gênero, que se constitui como uma família mais-além do gênero, teria essa abertura à contingência e ao não-todo supostamente mais garantida? Não necessariamente.

Para elucidar nossa resposta, vale estabelecer uma correlação entre dois recentes documentários: *Petit Fille* (França, 2020) e *Limiar* (Brasil, 2021). O primeiro aborda o caso de Sasha, que, nascida biologicamente menino, com cerca de três anos, diz à mãe que será uma menina quando crescer. O segundo apresenta Andy, adolescente de 14 anos, nascido biologicamente menina, que passa a se identificar como “trans não-binário” e a demandar hormonização e o tratamento a partir do pronome masculino. Em *Petit Fille*, chama atenção o fato de que a palavra da criança tem pouco ou nenhum lugar, de modo que a mãe e a médica falam por ela. Ao mesmo tempo, seu dizer sobre querer ser uma menina é elevado a um grau de certeza pela família. Diferentemente, em *Limiar*, a condução adotada pela mãe de Andy

---

<sup>13</sup> MILLER, J-A. *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

<sup>14</sup> MILLER, J-A. Docile au trans. In: *La Règle Du Jeu*, 22/04/2021. Disponível:

<https://laregledujeu.org/2021/04/22/37014/transsexuel-docile-au-trans/>

inclui seu encontro angustiado com o surpreensivo da sexualidade da filha e a abertura para que a/o adolescente se coloque. Mesmo sendo uma autobiografia da mãe, o documentário apresenta o adolescente em diversos períodos. Ao obter recortes variados que retratam a sua transição, acompanhamos as diferentes formas e significantes que Andy escolhe para se construir e falar de si. Há um espaço para a palavra circundar aquilo que do real não se pode recobrir. Onde o sexual faz furo no real, a família de *Limiar* abre espaço para uma “bricolagem com peças soltas”, para a invenção do Um. Na família de *La petite fille*, o que se tem é a cristalização de uma certeza quanto ao gênero: Sasha é uma menina, ainda que cada vez mais silenciada.

#### 4. A posição da psicanálise em tempos de familUMs-sozinhos

Todas as configurações familiares atuais deslocadas da relação com o vazio do objeto produzem efeitos potencialmente devastadores para os seus membros. Por outro lado, uma família não universal, não-toda, pode propiciar vias de bricolagens, invenções de respostas, modos singulares de saber-fazer com o gozo e com o desejo:

Respondendo a uma lógica do não-todo, a instituição “família” oferece outros recursos: aqueles, para a criança, de ser não-toda dependente das identificações familiares, não-toda dependente do amor, filial e parental, ou seja, de ser capaz de explorar seus lados menos amáveis. E isso também se aplica aos seus “parceiros no jogo da vida”, pai, mãe, padrasto, madrasta e outros familiares.<sup>15</sup>

Na clínica psicanalítica, à luz da clínica do real, da clínica do sinthoma, a família só pode ser abordada pela lógica da singularidade e do não-todo. Ao psicanalista cabe aprender a língua que ali é falada, sua gramática, seu vocabulário. Tomar cada família, uma a uma, buscando delinear os circuitos do desejo e a economia de gozo que sustentam os laços que enredam seus integrantes.

Para estar à altura de sua época, a psicanálise persiste em levar em conta o ponto opaco que escapa à produção de sentido da cultura, às novas ficções jurídicas e aos avanços da ciência – o real da pulsão que insiste no sintoma. Persiste em fazer advir um sujeito, a quem cabe chegar a saber-fazer de novo, sem ser novamente.

---

<sup>15</sup> ROY, D. Op. Cit., s/p.